



2025

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

[\(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido\)](#)

[09.04.2025](#) – Dia Nacional do Combatente (Batalha)

DIA NACIONAL DO COMBATENTE, BATALHA

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES
09 de abril de 2025

Exmo. Senhor Presidente da República, Comandante Supremo das Forças Armadas e Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa
Excelência

A presença de V. Ex.^ª, mais uma vez, na comemoração do Dia Nacional do Combatente, junto dos Combatentes por Portugal, é para nós, não só um incentivo moral, mas a confirmação do que ao longo dos anos da sua presidência V. Ex.^ª tem afirmado e apoiado as Forças Armadas e a Liga dos Combatentes. Testemunhamos a V. Ex.^ª o nosso Reconhecimento, nesta última presença connosco, neste dia, nas atuais funções.

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional Dr. Nuno Melo
Excelência

Num momento em que se aguarda a decisão do povo português quanto ao futuro governo, é oportuno para neste Dia Nacional do Combatente, lhe testemunhar o apreço dos Combatentes e em especial da Liga dos Combatentes, pelas decisões tomadas, as expectativas criadas e as positivas referências sistematicamente feitas aos antigos Combatentes, num ambiente de relação saudável que nos apraz publicamente assinalar.

Exmo. Senhor General CEMGFA General Nunes da Fonseca
Queira aceitar o nosso agradecimento pelo apoio prestado mais uma vez pelas Forças Armadas para a organização desta cerimónia

Exmo. Senhor Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, General Cartaxo Alves, General CEME, General Mendes Ferrão e Vice-almirante Aníbal Ribeiro, representante do Almirante CEMA

Exmo. Diretor Nacional da PSP Superintendente Luís Carrilho e Tenente-general Rui Veloso, Representante do Comandante Geral da GNR

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Batalha Dr. Joaquim Ruivo

Exmo. Senhor Presidente da Junta de Freguesia da Batalha Dr. Fernando Oliveira

Exmo. Senhor Secretário-geral do MDN, Tenente-general Serafino e DGPDN Tenente-general Lemos Pires e Presidente do IASFA Tenente-general Morgado Batista

Exmos. Senhores Almirantes, Generais e Diretores-gerais do MDN

Exmo. Reverendíssimo Bispo das FA e FS, D. Sérgio Dinis

Exmos. Senhores Embaixadores da Bulgária, da Chéquia e representantes da Alemanha, França e Timor-Leste

Exmos. Senhores Adidos de Defesa do Brasil, Espanha e Timor-Leste

Exmo. Senhor Presidente do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, Prof. Dr. Aires de Sousa e Membros do Conselho Supremo

Exma. senhora Diretora do Mosteiro da Batalha Dr.^a Clara Moura Soares

Exmos. Senhores Membros da DC da Liga dos Combatentes

Exmos. Presidentes das Associações de Combatentes Nacionais, dos Prisioneiros de Guerra, da ACUP, dos Combatentes da Guiné, dos Capacetes Azuis, Salgueiro Maia e Operações Especiais e de países amigos, de Espanha, França e Reino Unido

Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes

Caros combatentes e Exmas. Famílias

Caros Convidados

Minhas senhoras e meus senhores

Cheires âmis de la Delegation de Hauts-de-France

Na primeira cerimónia evocativa da Batalha de La Lys, no início do segundo centenário da Liga dos Combatentes, fazemo-lo comemorando o 107.^o aniversário do fim da Grande Guerra, hoje, como sempre, com os mesmos objetivos: promoção da Paz, preservação da História, da cultura e da cidadania, honrando os mortos por Portugal.

Com os mesmos sentimentos de respeito e emoção, perante a memória dos feitos dos homens e mulheres, ao serviço das Forças Armadas e Forças de Segurança, em especial os que as serviram, servindo Portugal, ao longo dos séculos XX e XXI.

Evocamos o fim da Guerra que justificou o nosso nascimento como associação patriótica e humanitária, promotora da solidariedade e do apoio mútuo, amante da paz, e autora atenta das necessidades dos Combatentes e famílias, no âmbito do apoio social e à saúde, sempre presente, quando o Estado que defenderam, os olvidou.

Neste dia, como sempre, não estamos aqui para evocar a guerra, a qual detestamos, porque a experimentámos, mas para evocar a Paz. Paz, Bem universal, cuja ausência nos é hoje, mais uma vez, demonstrada todos os dias, através dos meios sofisticados da comunicação social e dos meios cada vez mais sofisticados de fazer a guerra, que nos causam insegurança, instabilidade, dúvida, estupefação e repulsa, embora, paradoxalmente, não possamos dispensar tais meios, para garantir a nossa defesa e conseqüentemente a nossa tranquilidade e bem-estar.

As potências que hoje, no mundo, aspiram e lutam por recriar novos Impérios, uns por imposição da persuasão com base no seu superpoder, outros pelo uso da força e da violência efetiva, são os mesmos que exigiram e apoiaram a destruição de outros impérios históricos, incluindo o nosso, sob pretexto do direito à autodeterminação dos povos.

Autodeterminação dos povos que hoje não respeitam e teimosamente exploram ou condicionam. Esquecendo a história, humanamente dramática trazida ao mundo, pelo violento século XX, hoje, no Norte de uma jovem América, acredita-se e declara-se, imperialmente, a necessidade de uma expansão territorial, mesmo que isso faça abanar alianças até agora promotoras da paz.

A Leste, numa Clássica Rússia, acredita-se em Makinder, e declara-se e decide-se, imperialmente, aplicando a força contra vizinhos, o propósito de restaurar o império e o espaço, supostamente, dominador do mundo.

Aparecem agora ambos a lutar pelas terras raras que terá levado Makinder a definir a sua teoria. Enquanto se entala e minimiza a mãe, histórica e sacrificada Europa, e se isola e adia cuidadosamente a milenar China, por o confronto ser considerado catastrófico, nomeadamente no oceano Índico, a jovem América e a Clássica Rússia, de inimigos históricos a cíclicos e oportunistas amigos, mostram-se agora ao mundo como promotoras da Paz, mas assumem atitudes desreguladoras do direito e das organizações internacionais, para tentarem impor a criação dos seus impérios e conceitos de uma nova ordem internacional e mundial.

A insegurança, a instabilidade, as dúvidas latentes e o desconhecimento das novas regras de um futuro próximo resultantes, para além de constituírem ameaças reais à segurança internacional, parecem enfraquecer perigosamente as tradicionais organizações como a ONU, a União Europeia e a NATO, a quem terá que se exigir capacidade de renovação política e militar, capazes de criar altos níveis de direção e personalidade conjunta e de dissuasão, ainda que para isso haja que retocar e rever dissonâncias organizativas internas.

Com o facto de estarmos hoje celebrando igualmente a Paz na Europa alcançada há mais de cem anos, quebrada cerca de vinte anos depois, com novo holocausto europeu, cuja Paz, não deixou de arrastar para fenómenos bélicos de descolonização igualmente dramáticos, sublinhamos também, que as situações atrás descritas, deveriam constituir lições aprendidas da Grande História, pelos atuais sentimentos imperialistas das grandes potências, que sistematicamente inventam inimigos, para justificarem o seu poder global de condutores da geopolítica mundial.

Caído o muro de Berlim, resultou que a ocidente, no norte atlântico, se ergueram como inimigos, a Líbia, a Síria e o Iraque. A Leste, se fizeram operações especiais para reconquistar espaços perdidos com a queda de tal muro. O paradoxo está em que os principais atores de hoje, inimigos de ontem, encontram agora razões para uma suposta amizade fraterna entre os seus dois Grandes Chefes, minimizando a Europa e tentando isolar a milenar China.

Embora não deixemos de ter, neste momento de desregulação internacional, uma visão de alinhamento América-Rússia, e Rússia-China, uma vez mais um forte hemisfério norte esquece completamente o frágil hemisfério Sul. Chega a apelar-se, para minimizar e enfraquecer a Europa, para a saída dos EUA da NATO e da ONU. A Europa, porém, vai acreditando em desanuiamento. Se os EUA, porém, saltam por cima da Europa para abraçar a Rússia parece estarem a empurrar a Europa para saltar por cima da Rússia para abraçar a China com um qualquer Euro China Treaty Organization. Se se trata de desregular a ordem internacional, equacionem-se do lado europeu as várias hipóteses de uma Nova e forte Europa.

A curto e médio prazo as pequenas e médias potências, nomeadamente as europeias, parece só terem um caminho: sem abrandar o esforço até agora feito na produção do Bem-estar, reorientarem a sua prioridade no reforço das condições de Segurança e Defesa do seu território e dos seus valores. E esse esforço exige no Âmbito da Segurança e Defesa uma Direção Política centralizada que todos reconheçam como um verdadeiro Comando Europeu de Segurança e Defesa de quem dependeriam as Forças a disponibilizar pelos países Europeus. Sem unidade política, pelo menos nesta área da Defesa, a experiência evidencia extrema dificuldade em pensar em informações e operações de um qualquer Exército Europeu.

Apenas em emprego de forças credíveis de países europeus, com um comando combinado, atuando conjuntamente e devidamente suportadas por uma entidade política constituída para o feito e reconhecida por todos.

Importa novamente, e infelizmente, descobrir a principal forma de garantir a Paz duradoura na Europa. A Europa opta, forçadamente, pelo rearmamento, face às novas políticas da jovem América e à ameaça da histórica Rússia.

Entendemos que a Europa deve aproveitar o atual momento do imbróglho estabelecido, para a prazo, se tornar uma Grande Potência Dissuasora da Guerra e que a sua voz seja ouvida e respeitada como tal.

Minhas senhoras e meus senhores

A Liga dos Combatentes que nasceu há mais de cem anos e viveu e ultrapassou todos os bons e maus momentos por que passou a sociedade portuguesa, desde a grande guerra, à segunda guerra mundial, à guerra do ultramar, às Missões de Paz e Humanitárias e hoje à vigilância a Leste, reúne-se hoje na Batalha, nesta cerimónia Histórica, a 9 de abril, Dia do Combatente, para preservar a Memória dos Combatentes por Portugal e reafirmar que a Batalha de La Lys não deve ser referenciada como um desastre das foças portuguesas, mas sim como exemplo de respeito por todos os soldados que um dia defenderam Portugal, sem que Portugal lhe tivesse garantido os meios humanos e materiais mínimos, para cumprirem a sua missão e eles mesmo em tais condições, se bateram denodadamente.

Em La Lys, o CEP foi integrado no Exército inglês e dele recebeu ordens inoportunas de rendições inoportunas e de defesas a todo o custo.

A jovem República com quatro anos de idade, pensou mais em sobreviver, do que apoiar as suas forças em Moçambique, Angola e depois na Flandres, onde lutaram sem o apoio necessário da retaguarda.

Os cerca de 400 mortos e milhares de feridos e prisioneiros em La Lys, ficando reduzido a 50% de efetivos não impediram que a 11 de novembro, Dia do Armistício, três Batalhões remanescentes do CEP, estivessem na ofensiva, entrando na Bélgica, com as forças aliadas.

Considero, pois, historicamente grave, a similitude por vezes feita, de forma escrita e verbal, mesmo por entidades responsáveis, entre a Batalha de La Lys e Alcácer Quibir. Referência que nasceu certamente do testemunho de Jaime Cortesão, quando num seu livro, descreve que estando a tratar um ferido, entrou no seu gabinete operatório um outro militar, gravemente ferido, e desabafou: isto foi pior que Alcácer Quibir.

Em La Lys não perdemos a Independência. Em La Lys não perdemos o Ultramar. Em La Lys desfilámos no final em Paris com os vitoriosos. A República consolidou-se. Há que fazer uma leitura positiva da História. Os que se bateram por Portugal em África e em França na Grande Guerra e mais tarde na Guerra do Ultramar foram todos Soldados Milhões, Paulos dos Santos, Marcelinos da Mata, ou Antónios Lobatos e merecem todos, todos os milhares e milhares que um dia se bateram Portugal, onde Portugal os enviou, ao longo da História, estarmos aqui, neste lugar sagrado de Santa Maria da Vitória, em sua honra e em sua homenagem. Devemos-lhes a defesa sistemática e a garantia da nossa independência. Nunca os esqueceremos.

Sabemos que não deixa de haver visões redutoras, escritas, ou verbalmente expressas, perante o que hoje aqui vivemos mais uma vez. Contudo, é nosso entendimento que cada vez mais, é necessário acentuar a importância que este tipo de cerimónias tem, na afirmação de um povo e da sua cultura.

E nós com experiência de tempos de guerra vivida, voltamos a sentir que os ventos da História recomendam ações imediatas que garantam a possibilidade de uma resposta preventiva condigna aos riscos, desafios e ameaças que surgem no espaço europeu. Portugal está hoje, estrategicamente, cada vez menos afastado dos meios que provocam a ameaça e insegurança que percorre a Europa. Aos nossos Combatentes deve ser evitado a todo o custo, a necessidade de “novos Milagres” como o de Tancos, ou de voltarem a receber missões impossíveis de cumprir, ou que, ao serem tentadas ser cumpridas, exigiram sacrifícios humanos dramáticos, por falta de meios humanos e materiais disponíveis, como aconteceu na Índia.

Hoje, a guerra voltou à Europa e embora esteja localizada e se lute pela paz, exigiu já medidas extraordinárias da União Europeia, tendo Portugal, entre outras nações enviado forças para o Leste Europeu como medida de prevenção.

Duzentos anos depois das guerras peninsulares, Portugal é considerado país hostil por outro país europeu e viu já a sua embaixada, nesse país, ser atingida pelo conflito.

A recordação destes factos históricos e recentes, tornam imperativo evocar e enaltecer a gesta generosamente escrita, ao longo dos tempos por esses soldados filhos de Portugal. Para nós o ontem não se esquece. Revive-se. Honrando os mortos e lutando pela dignidade dos vivos.

Não podemos deixar de referir, de acordo com o sentimento generalizado dos Combatentes vivos, que os governos da Nação esqueceram durante muitos anos os seus combatentes. Nós na Liga dos Combatentes sabemos a razão por que nascemos como Instituição e porque continuamos bem vivos.

Embora o Recente Estatuto do Antigo Combatente, promulgado em 2020, tenha obtido acolhimento do governo e Assembleia da República, 46 anos depois do fim da guerra, surgiu de forma tímida, sendo notório o diminuto apoio social e à saúde, que dispensou aos seus filhos, tantos anos depois do regresso de além mar, onde desdenharam o conforto, sentiram na alma e no corpo a guerra e conviveram com a confusão que ela gera. O Estatuto foi publicado com a promessa de constituir um primeiro passo legislativo.

O Estatuto ficou-se distante do proposto pela Liga dos Combatentes ao governo, ao qual tem continuado a apresentar propostas concretas.

Registamos com satisfação, a decisão do senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. Nuno Melo e do governo, em garantir o apoio à saúde, decidindo a gratuitidade dos medicamentos para os combatentes pensionistas a cem por cento (50 por cento em 2025 e 50 por cento em 2026) e 90 por cento aos combatentes utilizadores de medicamentos psicofármacos.

Luta de longos anos. Finalmente decisões importantes no âmbito da saúde para quem está no Outono da vida, que os Combatentes registam com regozijo. Importa seguidamente e no orçamento, do próximo governo, que seja revista a lei 3/2009 e entre outras alterações, sejam revistos os direitos já adquiridos relativos aos coeficientes especiais de pensão, suplementos especiais de pensão e acréscimos vitalícios de pensão que o Estatuto do Antigo Combatente não

contemplou. Foram estabelecidos há 21 anos, reduzidos drasticamente há 13 anos e esquecidos no Estatuto do Combatente. Impõe-se serem revistos, por forma a terminar esta constante dicotomia entre governos e Combatentes.

Não quero terminar sem fazer uma referência muito especial à presença, pela segunda vez consecutiva, a nosso convite, de uma numerosa delegação francesa, de alto nível, do Hauts-de-France, constituída pelos Presidente do Comité de França Portugal de Hauts-de-France, decano do Corpo consular em Lille, Docteur Bruno Cavaco, Mdme Marie Dorchye, responsável pelo Património e conservação da Memória do Alto de França, Presidentes das câmaras municipais de Richebourg, La Culture, Ambleteuse e Nee Chapelle, 1.º adjunto da Câmara de Roncq, conselheiro municipal delegado da camara municipal e Loos-en-Gohelle, Presidentes dos Núcleos de Lillers, Richebourg e Paris, e que igualmente nos acompanharão e apoiarão em França, nos próximos dias 12 e 13, nas comemorações do 9 de abril e se constituem em grupo impulsor do incremento das relações históricas, culturais, turísticas e comerciais do Hauts-de-France com Portugal.

Medmes e Mesrs

Je ne peux pas terminer sans faire une reference spéciale à la presence, pour la deuxième fois consécutive, de notre invitation, de la parte de une delgation française de Haut de France, tous coordonné et pilotée par Le Consul Honoraire de Lille, Dr Bruno Cavaco, Madame Marie Dorchy, Conseiller Regional Delegué au Patrimoine et à la memoire de Haut de France, des Maires Richebourg, La Couture, e Ambleteuse et Arques et 1er adjoint de Roncq Presidents des Noyau de Paris, de Richebourg e de Lillers, qui nous accompagnerons et nos soutienderons en France, le 12 et 13 de avril, et qui constitui un groupe moteur de la reinforcement des relations historique, culturel, comercial et touristique entre Haut de France et Portugal. Merci bien a tous pour votre visite et votre amitié.

Termino agradecendo a todos os que por qualquer forma permitiram termos hoje a realização desta significativa cerimónia, desde logo ao senhor Presidente da República, Ministro da Defesa Nacional, aos Chefes de EM das Forças Armadas e de Segurança, ao senhor Presidente Câmara Municipal da Batalha e ao Diretor do Mosteiro da Batalha, ao senhor Bispo das FA e de Segurança D. Sérgio Dinis, ao Coro do Núcleo da Batalha e seu Presidente, a todas as entidades presentes, aos Núcleos e às Associações, Combatentes e famílias que nos honraram com a sua presença o nosso muito sentido, bem hajam.

Vivam os Combatentes por Portugal. Viva Portugal.

Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general